

MARIO CORTELLA

ESTAMOS NA ERA DO EXCESSO DE INFORMAÇÃO

É preciso se conectar com o
aluno para promover a educação.
Conhecimento não é memória.
Conhecimento é seletivo e não
acumulativo, como é a informação

Unindo bom humor e uma oratória quase cantada, o filósofo Mario Cortella, especialista em educação e um dos principais pensadores brasileiros da atualidade, tem uma capacidade admirável de captar a atenção de grandes públicos. E não foi diferente na noite de uma sexta-feira de agosto, quando reuniu no ginásio do Colégio Farroupilha, um dos mais tradicionais de Porto Alegre, mais de 500 educadores e convidados, enquanto que, quase simultaneamente, ocorria a abertura dos Jogos Olímpicos, no Rio de Janeiro. E prendeu a atenção de todos, enquanto, ao mesmo tempo, divertia com suas ironias e provocava reflexões. Reflexões essas que deveriam ser comuns no ambiente escolar. São aquelas provocações que geram conhecimento e não as que estimulam apenas a manutenção do *status quo*.

E foi com esta lógica que ele seguiu falando, às vezes fazendo a sua plateia rir tranquilamente, apesar de atentamente acompanhar o seu pensamento, e, em outros momentos, gerar o silêncio absoluto. Como um bom filósofo, é importante, para não dizer essencial, seguir o seu pensamento e poder se deliciar com suas inquietudes.

Mas o seu foco principal era bem prático, a educação. Como um pensador, ele consegue ter uma visão extremamente crítica. Ao mesmo tempo, guarda em si um otimismo único. "Precisamos pensar em quem estamos formando, para, a partir deste ponto, saber qual a geração que temos e como ela deverá ser lembrada no futuro", afirmou. E, neste ponto, Cortella não deixa escapar a importância da educação para a sociedade. "Esses corruptos





Fotos: Tuti Flores

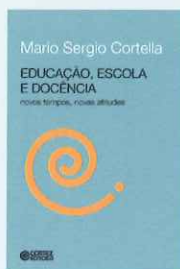
“VIVEMOS NA ERA DA INFORMAÇÃO CONTÍNUA. PODEMOS SABER MUITAS COISAS AO MESMO TEMPO. TEMOS ACESSO A MUITAS INFORMAÇÕES E FONTES. SÓ QUE ISSO NÃO REPRESENTA CONHECIMENTO. DE QUE ADIANTA EU TER TAL INFORMAÇÃO SE NÃO POSSO USÁ-LA?”

Mario Cortella

que vemos no noticiário, que desviam recursos da educação, foram alunos no passado. Estiveram nas salas de aula. Será que faltou algo?”, provoca.

Neste ponto, ressalta a importância de os professores e estudantes refletirem sobre o momento atual. “Vivemos na era da informação contínua. Podemos saber muitas coisas ao mesmo tempo. Temos acesso a muitas informações e fontes. Só que isso não representa conhecimento. De que adianta eu ter tal informação se não posso usá-la?”, questiona.

Para encontrar argumentos para o seu pensamento, recorda as primeiras experiências na escola, ainda como aluno, quando reconheceu as suas limitações de conhecimento naquele momento. “O mais grandioso, é que o ser humano não nasce sabendo, como ocorre com os animais. E, exatamente por isso, tem a condição de aprender, inovar e pensar diferente do que já foi feito”, sentencia. Segundo ele, são esses argumentos que tornam o ser huma-





"SOMOS CAPAZES DE SABER QUALQUER COISA QUE É SABIDA. ATÉ QUE ELA SEJA SUPERADA. A NOSSA DIMENSÃO DO CONHECIMENTO VAI AVANÇANDO. MAIS CONHECIMENTO GERA MAIS IGNORÂNCIA, PORQUE OBTIVAMENTE TOMAMOS CIÊNCIA DE NÃO SABERMOS TUDO."

Mario Cortella

no tão único e os estudantes tão especiais. "Somos capazes de saber qualquer coisa que é sabida. Até que ela seja superada. A nossa dimensão do conhecimento vai avançando. Mais conhecimento gera mais ignorância, porque obviamente tomamos ciência de não sabermos tudo. Mas isso é normal", tranquiliza.

Apesar de saber que todos podem aprender, avalia que o desafio dos professores é bem maior do que se imagina. É conseguir, além de ensinar, estimular. Para ele, o desafio é que os professores devem ser ensinados a ensinar e não a domesticar os alunos. O termo "domesticar" é forte quando se

fala em educação. Porém, na voz de Cortella parece fazer sentido. Ele explica que, ao contrário da domesticação, o conhecimento deve libertar e ser compartilhado. "É neste ponto que chegamos à questão da gestão. É ela que fará com que o conhecimento não fique perdido na avalanche de informações que temos nos dias atuais. A gestão nos indica o que é importante e a razão disso", enfatiza.

Segundo o filósofo, não é fácil, dentro da era da informação contínua e acelerada, como dito lá no início de sua fala, garantir a atenção dos alunos. "É preciso despertar neles o interesse. É preciso se conectar com eles para promover a educação. É necessário lembrar que conhecimento não é memória. Ele é seletivo e não acumulativo, como é a informação", explica.

AS TRANSFORMAÇÕES NECESSÁRIAS

É claro que a lógica de Cortella inspira e desafia os docentes. Ao mesmo tempo, seria ingenuidade achar que essa teoria é tão simples e fácil de ser colocada em prática. Mesmo ao avaliar o panorama educacional atual, o filósofo faz uma análise realista. Para ele, há várias questões que precisam ser enfrentadas para melhorar a qualidade do ensino no país, como garantir o real acesso às escolas e uma instituição com as condições mínimas para receber os estudantes. Ao ser questionado sobre os constantes planos de educação e, ao mesmo tempo, a sua defasagem, ele é categórico: "A educação está em constante transformação. É normal que as leis estejam defasadas. O importante é não deixarmos de pensar a educação e como é possível melhorá-la", finaliza.

QUEM É MARIO CORTELLA

Natural de Londrina, no Paraná, Mario Sérgio Cortella tem 62 anos. É filósofo, palestrante e tem no seu currículo 30 livros, sendo que muitos lideraram os rankings de vendas, como "Pensar bem nos faz bem!" e "Não se desespere". A sua experiência vai além da sala de aula: exerceu ainda o cargo de secretário de Educação da cidade de São Paulo.